

ENSINO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA ADOLESCENTES DO COLÉGIO OSWALDO TOGNINI

Mateus Faleiros Gomes – mateus.faleiros12@gmail.com – Colégio Oswaldo Tognini – Funlec
Gustavo Braz Tabone de Oliveira – gustavotabone1213@gmail.com - Colégio Oswaldo Tognini - Funlec
Pedro Henrique Pacheco Moraes - pachecomoraes@gmail.com - Colégio Oswaldo Tognini - Funlec
Orientador: Felipe Vitória Lucero – fe.lucero@hotmail.com- Colégio Oswaldo Tognini – Funlec

Colégio Oswaldo Tognini - Funlec Campo Grande - MS, Ciências Sociais e Aplicadas- Economia

Resumo

Educação financeira é um tema pouco familiar. Há que se tratar do assunto de maneira sistematizada desde o início da escolarização, dessa forma teremos o desenvolvimento de um indivíduo financeiramente educado para gerenciar e planejar sua vida financeira e conseguir alcançar metas e realizar sonhos.

Atualmente vários jovens entram no SPC (Serviço de Proteção ao Crédito), pois os impulsos consumistas e a facilidade em obter créditos são um estímulo para o endividamento dos jovens. Fica nítido que falta experiência e organização com as finanças.

Nas premissas dessa pesquisa, buscamos ajudar os adolescentes a economizar dinheiro e entender a importância de possuir uma reserva financeira. Pretendemos, através de mini palestras, ajudá-los a criar uma consciência econômica. Parece fácil economizar, mas não é. Nossa proposta é desenvolver, nos adolescentes, a capacidade de compreensão da educação financeira, para que, no futuro, o conhecimento adquirido consiga levá-los a reflexão sobre suas atitudes relacionadas ao controle das finanças.

Palavras-chave: Finanças, Economia, Poupar.

Introdução

De acordo com o dicionário Aurélio, o termo “economizar é: “O ato de poupar ou o de fazer economia.” Os adolescentes não se preocupam em economizar, pois grande parte deles não reconhece o trabalho que os pais têm para adquirir recursos. Poupar pode parecer uma tarefa simples, mas se pararmos para pensar é um tanto quanto complexa.

No início da pesquisa, foram entregues cinquenta questionários com dez perguntas, a alunos de três salas do oitavo ano do colégio Oswaldo Tognini; foram questionados sobre seu comportamento financeiro. Nas respostas obtidas, a maioria respondeu que gasta todo o dinheiro que recebe; não faz pesquisa antes de comprar algo; não tem o hábito de poupar; entre outras atitudes, analisadas nos questionários, que nos levam a perceber que falta educação financeira para esses jovens.

Percebemos, nas premissas do trabalho, que muitos colegas de treze e quatorze anos encontram dificuldades em economizar; alguns levam dinheiro para a escola e gastam tudo em guloseimas.

O “Decreto Presidencial 7.397/2010” instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef), que tem como objetivos promover a educação financeira e previdenciária,

aumentar a capacidade do cidadão para realizar escolhas conscientes sobre a administração dos seus recursos e contribuir para a eficiência e a solidez dos mercados financeiro, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização.

Educação financeira é um tema pouco familiar. Sandra Tiné chama atenção sobre a falta de conhecimento do que é ser financeiramente educado, como gerir finanças, planejar e projetar sonhos. Tais assuntos devem ser trabalhados com as crianças desde o início da escolarização.

Ao aprender educação financeira na escola, a criança se torna um exemplo para os pais e esse posicionamento reflete dentro de casa.

Metodologia

De acordo com o indicador de inadimplência do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) a participação dos jovens de 18 a 24 anos representa cerca de seis por cento (6%) da inadimplência brasileira, pesquisa realizada em janeiro de 2018. A cifra representa vinte vírgula quatorze por cento (20,14%) dos jovens brasileiros dessa faixa etária. Grande parte das dívidas dos jovens quarenta e cinco por cento (45%) é com instituições financeiras.

Utilizamos, como base, artigos científicos, pesquisas, um questionário de dez (10) perguntas, elaborado pelo nosso grupo, que foi entregue a adolescentes do Oitavo Ano (8^o). Também fomos a supermercados, um Atacado outro Varejo, a fim de compararmos os preços dos produtos. Para isso, fizemos uma lista com vinte (20) itens diferentes de comestíveis. Elaboramos um comparativo entre o preço do atacado e do varejo. Houve uma pequena diferença de valor entre eles, sendo que ao comprar em maior quantidade, o produto se torna mais barato. Com isso, ao optarmos por compras no atacado, podemos, ao longo do tempo, fazermos uma economia significativa.

Criamos um grupo de ajuda dentro do colégio, de jovem para jovem, buscando orientar os colegas sobre o risco do endividamento precoce. Em roda, trocamos ideias sobre o papel da mídia no consumismo exagerado, as propagandas que induzem o adolescente a desejar adquirir produtos que não necessita.

Resultados e Discussão

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o nível de ocupação da população com idade

entre dezoito (18) e vinte e quatro (24) anos caiu de cinquenta e sete vírgula nove por cento (57,9%), no primeiro trimestre de 2012, para cinquenta e um vírgula dois por cento (51,2%), no terceiro trimestre de 2017. A consequência é a entrada em listas de proteção ao crédito, se tornando um jovem inadimplente. Esses dados do IBGE justificam a ausência do jovem no mercado de trabalho, pelas mais diversas razões, seja por estudo, desemprego. Muitos desses brasileiros acabam ficando também fora do mercado de crédito, reduzindo o poder de compra e inflamando o mercado. Felizmente, mesmo em caso de desemprego, o risco de ficar inadimplente é menor quando se é jovem, pois muitas vezes ainda se pode contar com o apoio dos pais para pagar as dívidas.

Esperamos que essa pesquisa ajude, não somente nossos colegas como também todos que prestigiarem esse artigo, a desenvolver uma consciência financeira crítica.

O início do projeto teve como foco os alunos dos oitavos anos, mas no decorrer do desenvolvimento deste, desejamos ter um espaço semanal de trinta (30) minutos, após a aula, para dialogar e discorrer sobre educação financeira, bem como trocar experiências e quem sabe desenvolver novos projetos.

Considerações Finais

De acordo com o especialista João Kleper Braga, 2017: “[...] a mesada passa uma sensação equivocada de que sempre haverá dinheiro garantido”. Isso nos levaria a falsa conclusão de que dar mesada aos filhos não é uma “boa ideia”. Porém há vários especialistas que nos garantem o oposto: Cássia D’Aquino, 2013: “[...] A partir dos três (3) anos, o reconhecimento de moedas e células e o cuidado com o dinheiro também é fundamental. Ensine que dinheiro não se rasga, molha, dobra ou rasura, mas apenas dar o dinheiro, sem ensinar a administrá-lo (gastar, doar, poupar), também não faz sentido[...]”. André Felipe Queiroz, 2017 afirma: “[...] Ao dar mesada, os pais podem supervisionar a forma com que os filhos usam o dinheiro, dando algumas orientações que valerão para a vida toda”.

Na análise do questionário respondido pelos alunos, apenas vinte e dois por cento (22%) dos entrevistados recebem mesada, em contraponto, setenta por cento (70%) gastam o dinheiro que ganham em alguma situação específica.

Concluimos então, baseados nos especialistas, estudos e análises dos questionários, que se os pais derem mesada aos filhos e trabalharem o valor do dinheiro, a importância de economizá-lo e gastar somente o necessário, os filhos terão a oportunidade de aprender a valorizar o que recebem desde pequenos, administrar seus ganhos, poupar e aos poucos crescer como bons administradores de suas finanças no futuro.

Necessitamos que a escola ofereça aulas, cursos ou debates sobre economia financeira, promovendo o conhecimento do assunto e o desenvolvimento de jovens mais críticos e saudáveis financeiramente.

Referências

PELLIZZARO Roque Junior, Indicadores Econômicos SPC Brasil e CNDL, Dados Nacionais Dados referentes a janeiro de 2018, Brasília, 2018

FIRPO Sérgio, O futuro da desigualdade foco nos jovens de hoje, O Estado de S.Paulo. Revista online, 2018. Acesso em 02 de Agosto de 2018.

MATOS Antonio Carlos de, Manual do Jovem Empreendedor, Sebrae, 2015 Acessado em 02 de Agosto de 2018.